

Binswanger *versus* Freud: apontamentos críticos para o lugar da psicanálise na problemática da daseinanálise em Foucault¹

Binswanger versus Freud: critical notes for the place of psychoanalysis in Foucault's daseinanalysis problematic

Jader Cavalcanti de Albuquerque Neto
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Resumo

O artigo faz uma apresentação crítica da análise fenomenológica, ou Daseinanálise, como aparece em textos de Foucault da década de 1950 e 1960, no tocante ao que chamamos de problemática da daseinanálise. Para tanto, trazemos comentadores de Binswanger, e reconstruímos criticamente as insuficiências das posições da psicanálise e, a medida do possível, de Husserl, quanto aos problemas da significação e do ser-do-homem dispostas nos comentários de Foucault a Binswanger, cujas linhas são utilizadas pelo filósofo francês para criticar a psicanálise. Concluímos mostrando que embora Foucault endosse as críticas de Binswanger a um suposto reducionismo biológico em Freud, ele subrepticamente avaliza a metafísica e a heteronomia presentes na liberdade binswangeriana.

Palavras-chave: sonho; liberdade; homo natura; fenomenologia.

Abstract

This paper aims to critically present the phenomenological analysis, or Daseinanalysis, as it appears in texts of Foucault from the 50's and 60's based in what we call Daseinanalysis problematics. To do so we aim to recollect critically the insufficiencies of psychoanalysis and as far as possible Husserl stands towards the problem disposed along Foucault's texts on the matter, so as the human being bringing some Binswanger's commenters as well, whose lines are used by the French philosopher to criticize psychoanalysis. We conclude showing that though Foucault endorses Binswanger's critics towards a supposed biological reductionism in Freud's work he assumes surreptitiously a determined kind of metaphysics and heteronomy by Binswangers' concept of liberty.

Keyword: dream; liberty; homo natura; phenomenology.

Informações do artigo

Submetido em 22/06/2023
Aprovado em 27/02/2024
Publicado em 15/05/2024.

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2024.v24n2.p185-208>



Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons CC BY 4.0

Como ser citado (modelo ABNT)

NETO, Jader Cavalcanti de Albuquerque. Binswanger versus Freud: apontamentos críticos para o lugar da psicanálise na problemática da daseinanálise em Foucault. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 24, n. 2, p. 185-208, maio/ago. 2024.

¹ O presente artigo se trata do texto modificado e atualizado de minha dissertação, defendida em 2018, na UFPE.

1 INTRODUÇÃO

Convidado por Verdeaux, entre 1952 e 1954, para elaborar uma *Introdução* à tardia edição francesa de *O sonho e a existência*, considerado como o manifesto primeiro da *Daseinanálise*, Foucault não esconderá sua admiração pela obra e pelas práticas de Binswanger como um todo em linhas que ultrapassam a própria obra a qual introduz – indo conhecê-lo pessoalmente na instituição que dirigia.

Foucault ministrou nesse período um curso chamado *Binswanger e a fenomenologia*, na Universidade de Lille. O que colocaria tanto a *Introdução* à *O Sonho e a existência*, quanto o *Doença mental e personalidade*², ambos de 1954 (aparecendo a *Introdução* em 1955), como produtos das discussões de suas pesquisas e aulas do período, tendo, segundo Defert, como as principais influências a fenomenologia e o marxismo. As duas obras constam nos anais de Lille como trabalhos realizados entre 1952-1953. A *Introdução*, entretanto, é anterior ao texto *Doença mental e personalidade* (Cf. Defert *apud* Falzon; O'Leary; Sawicki (org.), 2013, p. 20).

Nesse primeiro trabalho publicado ainda em vida de Foucault, está o seu envolvimento breve e intenso com a psicologia de base fenomenológica. Reflexão, diga-se, que dá lugar à noção de antropologia social, no *Doença mental e personalidade*, saindo da preocupação fundacional daseinanalítica da *Introdução*, para uma avaliação da doença mental enquanto alienação mental a ser investigada junto às estruturas do capitalismo (Birman; Hoffmann, 2017, p. 30). A problemática da *Daseinanálise*, em linhas gerais, vai de encontro à ideia de que a *doença* seria um processo objetivo e de que o *doente* seria um lugar inerte, no qual, a doença se desenrola em um determinismo interno.

Com pouco da obra de Heidegger disponível em francês na época da tradução, e com apenas um texto de Binswanger no idioma em 1938, Verdeaux e Foucault forjam juntos a terminologia do *Traum und Existenz*. Familiarizado com o jargão heideggeriano dos tempos de sua graduação, Foucault intercambia

² Birman e Hoffmann (2017, p. 30) afirmam que o livro foi inteiramente fundado e reescrito na versão de 1962, *Doença mental e personalidade*. De acordo com a leitura de Nalli isso não está acurado: a primeira parte do livro reeditado encontra-se quase que completamente intacta. Cf. Nalli, 2011. De todo modo, como o foco do presente texto é de apresentar a problemática da *Daseinanálise* e o tema encontra-se praticamente igual nas duas versões dos textos optamos pelo texto mais acessível, ou seja, a versão de 1962, em sua tradução em português, de 1975.

Dasein por *présence*, ou presença (Cf. Elden, 2020, p. 4), num esforço análogo a Schuback em português, diga-se, ao traduzir *Ser e tempo*. Binswanger, inclusive, revisa o texto aprovando-o para publicação.

O psiquiatra suíço, que participara das primeiras reuniões da recém-criada psicanálise na primeira década do século passado (Roudinesco, 1989. p. 101), ganhou vulto intelectual na cena francesa e além, sendo comentado também por grandes nomes do pensamento, para citar alguns, Bachelard, Merleau-Ponty, Heidegger e Vaz. Diante disso, o jovem filósofo habilmente conhece a centralidade da questão do *sentido* para a psicanálise e como esse problema toca principalmente uma certa concepção de homem, à qual acredita que Binswanger tornará ultrapassada.

Como nos reconstrói Foucault, o objetivo de Binswanger em *O sonho e a existência* é atingir um conteúdo fundamental para uma analítica existencial que dê conta do ser-homem (*Menschsein*) – colocado provisória e ontologicamente como “conteúdo efetivo e concreto” da estrutura transcendental do *Dasein* –, objeto privilegiado da análise, que em Binswanger vai ocupar no texto o lugar efetivo do *Dasein* heideggeriano.

Em artigo que conecta as várias fases do percurso teórico de Binswanger, a despeito de elas serem bem demarcadas (husserliana, freudiana, heideggeriana e, por fim, um retorno a Husserl), o psiquiatra suíço tinha um fio condutor que pode ter chamado a atenção do jovem Foucault: “a busca epistemológica de fundamentos próprios para uma psiquiatria científica, a partir da construção de uma antropologia fenomenológica” (Cf. Spiegelberg *apud* Tonus; Mesas, 2018, p. 48). O escrito introduzido por Foucault estaria situado em sua fase heideggeriana.

Vem à superfície, nessa apreciação de Binswanger, a psicanálise, cujo ponto central criticado na *Introdução* está nas questões do significado, sentido e interpretação, no *Traumdeutung* de Freud. Apreciação complementada com um debate com as *Logische Untersuchung*, de Husserl, ambos lançados em 1900. Ponto já explorado pioneiramente, diga-se, por Hyppolite³, cujas influência ecoa

³ Foucault foi amplamente influenciado por Jean Hyppolite, um dos grandes nomes da filosofia na França. Tendo acompanhado Foucault da graduação em filosofia e psicologia até Foucault o suceder no Collège de France por ocasião de sua morte. Notável destacar o texto que equivale (com algum ônus) ao TCC chamado *A constituição de um transcendental histórico na*

nos textos de Foucault da década de 1950 (Cf. Noto, 2017, p. 148). Contudo, nos ateremos mais detidamente às linhas à psicanálise.

O que Foucault quer ao construir sua argumentação passeando por uma série de autores – inclusive citando obras do séc. XV, no original – pode ser suspeitado nos seguintes extratos acerca do problema acerca do destino do homem: “Desde a antiguidade, o homem sabe que no sonho ele se encontra com o que ele é e o que ele será; com o que ele faz e com o que ele fará; ele ali descobriu esse nó que liga sua liberdade à necessidade do mundo”. Ademais,

o que mudou segundo as épocas não é essa leitura do destino nos sonhos, nem mesmo os procedimentos de decifração, mas, antes, a justificação dessa relação do sonho com o mundo, da maneira de conceber como a verdade do mundo pode antecipar-se a si própria e resumir seu porvir em uma imagem que não poderia reconstituí-la senão turvada (*Introdução*), In: D&E, v. I, p. 93-94⁴).

Dessarte, as investigações de Freud, Lacan e de Husserl sobre a ligação entre imagem e significado são insuficientes para o jovem Foucault, de 1957, até se poderia dizer com base no texto sendo consideradas mesmo “desvios” da tradição à qual Binswanger é vinculado⁵.

Essa insuficiência se mostraria do lado da psicanálise, por não conseguir fazer falar as imagens, estabelecendo, segundo Foucault, uma ligação significativa contingente, provisória e arbitrária; do lado da fenomenologia, por conseguir “falar as imagens”, mas “não [ter dado] a ninguém a possibilidade de empreender sua linguagem” (*Introdução*, 2011, p. 86.). Em outras palavras, do lado dos psicanalistas (Freud, Klein e Lacan), a imagem seria incapaz de falar, a não ser na gramática das proibições e desejos reprimidos; e, do lado de Husserl, tem-se uma teoria do símbolo e da ligação necessária entre imagem e significado, entretanto, enquanto efeito incontornável tem-se o solipsismo; este, contornado por Jaspers numa solução em termos de uma mística entre médico

Fenomenologia do Espírito de Hegel, de 1949, recém-publicado, em 2024, que se pensava estar perdido.

⁴ Foucault (2011, p. ‘X’). Texto do primeiro vol. dos *Ditos e escritos* em português (2011).

⁵ Pelo espaço que temos aqui, não será reconstruída criticamente essa série teleológica de autores, continuada por Binswanger. Nosso foco será nas linhas dirigidas à psicanálise e ao psiquiatra suíço.

e paciente, insuficiente para Foucault.⁶ Diríamos que, para o Foucault deste quando, a mística de Jaspers é menos atrativa que a de Binswanger.

Os comentadores de Binswanger convergem em afirmar que o contato com a analítica existencial de Heidegger teria expandido basilamente as possibilidades de tratamento aos seus pacientes, auxiliando-o sobremaneira, por exemplo, a “aprofundar a descrição do paciente psicótico a partir de sua existência no mundo”. Desse modo, o psiquiatra suíço buscará uma concepção não mecanicista/naturalista/psicodinâmica do homem. Na direção oposta ao “determinismo causal aplicado à existência humana e a tendência de supor forças e complexos psíquicos ocultos sob os modos de ser diretamente perceptíveis” (Moreira; Pita *apud* Yasoshima; Messas, 2013, p. 198): eis o debate no qual ele se insere, que encontrará tanto na psiquiatria e psicologias de seu tempo como na psicanálise traços e desenvolvimentos dessas concepções.

Não trata a *Introdução* apenas de reestruturar uma nova hermenêutica onírica. Defenderemos ser seu objetivo mostrar a novidade de Binswanger em reorganizar as relações de significação, longe da lógica do inconsciente freudiano, no universo onírico (Cf. Foucault, 2011, p. 96.); reatar-se-ia com a tradição mística, onde o inconsciente seria algo como o “eco do mundo abafado no homem”. Intenta Foucault fugir igualmente das consequências solipsistas da análise husserliana, como mostra o próprio texto; ou seja, a *Introdução* quer mostrar, na esteira de Novalis e de tantos outros autores lá presentes, que cada imagem disposta no universo onírico não são representações do sujeito, mas que cada uma delas é o próprio sujeito que sonha. O que é ilustrado no seguinte extrato:

O sonho, como toda experiência imaginária, é [indício]⁷ antropológico de transcendência; e, nessa transcendência, ele anuncia ao homem o mundo, fazendo-se mundo ele próprio, e tomando ele próprio as espécies da luz e do fogo, da água e da escuridão. O que nos ensina a história do sonho para a sua significação antropológica é que ele é ao mesmo tempo revelador de mundo em sua transcendência, e também

⁶ Jaspers tem um trabalho importante ao introduzir a “volta” de Husserl “às coisas mesmas” na psiquiatria (Cf. Wertz *apud* Dreyfus; Wrathall (org.). 2006. p. 402).

⁷ Optamos pelo modo mais inteligível da palavra francesa *indice* no texto original que, segundo o dicionário Petit Robert, entre outros significados, dá a ideia de probabilidade. Sendo esse sentido mais acurado que a tradução em português que fala de *índice*. Cujo sentido fica um pouco truncado, num texto já complexo. O texto original em francês foi consultado ao longo da elaboração do presente texto.

modulação desse mundo em sua substância, sobre o elemento de sua materialidade (Foucault, 2011, p. 97).

Descrição que destoa dos dois principais textos examinados por Foucault na *Introdução*: o de Freud, *A Interpretação dos sonhos* e o de Husserl, *Investigações lógicas*. Embora *O sonho e a existência*, ofereça ao jovem Foucault uma resposta mais satisfatória à questão da significação, esses trabalhos são descritos como um duplo esforço do homem de reassumir-se, reassumindo a si próprio sua significação. *Esforços* de ambos, não concretizados, portanto, nessa espécie de argumentação teleológica do texto foucaultiano.

Tendo em vista as composições teóricas acima esboçadas, o que interessa ao jovem Foucault na análise existencial é a *liberdade* e o *mundo* enquanto constitutivos do *Menschsein* ou ser-homem (em Binswanger, como sinônimo de *Dasein*) e evidenciados no sonho. Nessa linha, seguindo o texto, a sexualidade e a repressão, por detrás das significações freudianas são substituídas pelo movimento de transcendência em direção à liberdade – que tem uma acepção própria em Binswanger, como veremos na parte final do texto ora presente.

2 COMO FALAM AS IMAGENS NA PSICANÁLISE FREUDO-LACANIANA: DA CENSURA À SUPRASSUNÇÃO

Foucault considerava *A interpretação dos sonhos*, mais de 30 anos após a publicação da *Introdução*, 1977 (Cf. *Le jeu de Michel Foucault apud Foucault*, 1994a, p. 298), como o acontecimento mais importante que os *Três Ensaios sobre a Sexualidade*, diga-se. Vê-se o motivo dessa centralidade delineado ainda em 1954. Em análise ao texto inaugural da psicanálise o jovem Foucault ecoa a assertiva do próprio Freud afirmando que antes dele os sonhos eram uma espécie de *non-sens* da consciência. Nas palavras do psicanalista austríaco, seu empreendimento trata como *sagrada escritura* o que os autores anteriores encaravam como uma “improvisação arbitrária”, trazida no “embaraço do momento” de relato a um terceiro – sendo esse, segundo Freud, o único erro dos autores que propuseram a investigar os sonhos: o de presumir como arbitrário o

que aparece no relato do sonho. Debate claramente situado, segundo os comentadores, com a psicologia e os psicologismos do sec. XIX.

Freud (2017, p. 539-548) chama atenção no texto para uma censura (“da resistência à irrupção dos pensamentos oníricos na consciência”) – denominada por ele, *resistência* ou *recalque*. Cujas atuação dá-se no nível quase imperceptível do detalhe, atacando “elementos fracos e indistintos”, impedindo que sejam retratados tal como apareceram. Em contraste com Binswanger cuja abordagem, segundo Savoia, não tematiza a atuação de uma *censura*, mas da *análise do movimento da imaginação* em sua adulteração cristalizada nas imagens oníricas (Savoia *apud* Lawlor; Nale, 2014, p. 569).

Pode-se dizer, desse modo, que Freud, na argumentação foucaultiana, dá um passo importante em relação à corrente psicológica que lhe é imediatamente anterior (séc. XIX), e que, em contrapartida, negligencia a relação entre sonho e liberdade em direção ao mundo (mérito que Foucault atribui à antropologia fenomenológica). De todo modo, ainda que Freud tenha sua posição dita como insuficiente, ele ganha seu capítulo na disciplina hermenêutica onírica ao investigar o sentido oculto dos sonhos. Dessarte, o sonho seria para Freud

um misto funcional; se a significação se investe de imagens, é por um excesso, como uma multiplicação de sentidos que se superpõem e se contradizem. A plástica imaginária do sonho não é, para o sentido que nele emerge senão a forma de sua contradição (Foucault, 2011, p. 76).

Dito isso, Foucault (2011, p. 77) afirma que para Freud, “as formas imaginárias do sonho trazem as significações implícitas do inconsciente”: o que implica que o sentido dado nos sonhos não é evidente, mas está velado por signos oníricos que trazem “contradesejos”; assim denominados por Foucault, pois, se para Freud a temática do sonho é a realização de desejos e, não sendo o próprio sonho efetivação do desejo, o que temos é um “contradesejo”, oposto ao próprio desejo que mostra sua recusa à saciedade. A análise freudiana enfatizaria a *semântica* da linguagem dos sonhos, enquanto suas estruturas *morfológicas* e *sintáticas* são deixadas de lado sendo a imagem como indica Foucault (2011, p 77) “um pouco mais que a realização imediata do sentido”.

Freud estaria exclusivamente empenhado em decifrar o sentido que está sempre por detrás da imagem, no que ela esconde ou substitui. Sentido esse que seria deduzido e adivinhado por algo que se esgotaria em si mesmo (o sonho e a fala), sem o *background* que necessariamente o precede (a linguagem). Estabelecer-se-ia aí um laço necessário entre a imagem e o sentido da ordem do possível e do contingente, pela dedução e possibilidade (o próprio Freud, por sua vez, argumentaria o contrário, mas de modo insuficiente).

A imagem, seria uma “linguagem que se exprime sem formular”. Nesse contexto, incêndio no sonho, por exemplo, mostra o desejo sexual, o qual se busca apagar desesperadamente; o sentido encontra-se escondido nas formas expressivas dessa imagem. Diz Foucault que ao sonho foi dada a *fala* pela psicanálise, ignorando sua “realidade de linguagem”. Ora, se a fala é precedida por uma estrutura de linguagem, justamente por não saber essa estrutura nos sonhos a psicanálise freudiana “jamais seria uma apreensão compreensiva do sentido” onírico; pois se limitaria a interpretar como que um vocábulo de um idioma, do qual se ignora a gramática – tomariam lugar na hermenêutica freudiana a probabilidade e a coincidência significativa do conjunto de indícios, o que torna seu esforço insuficiente (Cf. Foucault, 2011, p. 75-77). Há de se ver, na sequência, que Lacan vai além dos mecanismos de repressão ao inserir a dimensão da *linguagem* à estrutura do inconsciente (esforço igualmente insuficiente na argumentação da *Introdução*).

Dessarte, com notas lacanianas a nosso ver⁸, a própria fala para Foucault teria uma estrutura de linguagem que a precede e sustenta – em suas palavras, “um mundo de expressão”, completamente ignorado pelos psicanalistas. Além disso, Freud teria cometido o erro da metafísica clássica quando esta imputou ao mundo físico a vontade e o entendimento divinos – segundo Foucault, Freud teria substituído Deus pelo *desejo*, no povoamento do imaginário. O que Forrester batiza de “uma teologia das significações”: a verdade antecipa sua própria formulação (Cf. Foucault, 2011, p. 77, Forrester, 1990, p. 290; 2009, p. 59).

⁸ Convém em outro momento discorrer um pouco mais sobre a questão da linguagem, inconsciente e desejo em Lacan. No quesito da linguagem, que é o caso em questão sugeriríamos, principalmente, *O Seminário 3, As psicoses*, que ocorreu no ano seguinte ao texto foucaultiano, entre 1955 e 1956 (Cf. :Lacan, 2017, p. 20ss).

Além disso, Foucault argumenta faltar a essa análise uma gramática do imaginário, uma análise do ato expressivo e o desenvolvimento de uma teoria dos símbolos na chamada por ele “mitologia teórica” freudiana; não sendo considerada a realidade mesma do ato expressivo em sua necessidade (Cf. Foucault, 2011, p. 75-77).

Freud uniria o mundo externo com o mundo interno do paciente através do símbolo. Assim, jogo de forças entre *pulsão inconsciente*, de um lado, e *consciência perceptiva* do outro absorvendo material da percepção, seria evidenciado no caso do presidente Schreber. Diz Foucault que lá é nítida a marcha da significação “em um mundo imaginário, e a estrutura própria desse mundo através de sua referência ao sentido”. A famosa análise Freud do paciente que, *grosso modo*, acreditava que Deus o queria transformar em uma mulher, possuindo o seu corpo, vai identificar através de correlações simbólicas a figura do pai e a figura do próprio doente por trás de suas imagens, ao mesmo tempo que aponta para a conclusão na forma de “uma armadura mágica do delírio paranoico”. No quando da análise do caso Schreber, de todo o modo, Freud abandonaria o empreendimento de uma teoria do símbolo (Foucault, 2011. p. 79).

Por sua vez, Lacan surge rápida e pontualmente na *Introdução* ao lado de Klein, no final da primeira parte do texto. Menção notável, pois, como se sabe, ela contrasta com a relação amistosa que os dois mantinham. Foucault frequenta seus seminários e sua casa, em 1950, sendo a ele apresentado por Hyppolite. Lacan considerava Foucault um “amigo distante”, em suas palavras, não muito preocupado com a posição freudiana.⁹

De todo modo, o cerne dessa aparição está no uso que fez Lacan da *Imago parental – em geral*, uma representação inconsciente da imagem se tem dos pais– o ponto de cristalização da “dialética significativa da linguagem”. Foucault prossegue:

Uma análise à maneira do Dr. Lacan, que busca na linguagem o elemento dialético no qual se constitui o conjunto das significações da existência e no qual elas concluem seu destino, a não ser que o verbo, não se instaurando em diálogo, efetue

⁹ Cf.: <http://www.valas.fr/Sartre-contre-Lacan-bataille-absurde,182>. Devemos esta referência ao artigo de Grace no *Companion* da Blackwell a Foucault (Falzon; O’Leary; Sawicki (org.), 2013).

seu *Aufhebung* sua libertação. [...] a *Imago* não é senão fala envolta, em um instante silenciosa (2011, p. 80).

A partir desse extrato, faz-se necessário discorrer um pouco sobre o trabalho analítico em Freud e Lacan que *imprescindivelmente* passa pela noção de *negação*. Mesmo sabendo que simplificações, num espaço como o de um artigo, são inevitáveis.

A famosa noção de *Imago* em Lacan, desenvolvida em 1938, num trabalho chamado *Os complexos familiares*, seria mais bem desenvolvida, *grosso modo*, na figura paterna. Esta, representante da lei maior no seio da família. Nesse sentido, há toda uma construção acerca do declínio da função social da figura paterna – que, inclusive, trata Foucault no v. 1 de sua *História da sexualidade, A vontade de saber* (1976) – acerca da qual, a partir da modernidade, se irá buscar alternativas para a substituição da outrora figura-mor, símbolo de autoridade.¹⁰ A *Aufhebung* (*suprassunção*, na tradução de Meneses à *Fenomenologia do Espírito*) é um conceito hegeliano apropriado por Freud, em 1925, no texto *A negação*, sendo a *Verneinung* (negação) com o sentido de uma aceitação do que se nega no processo analítico.

Segundo Zupančič (2017), dirá Freud que considera na análise, no contexto da *Verneinung* (*grosso modo*, traduzida por *negação*), ser *Aufhebung*, resumidamente, uma aceitação intelectual do conteúdo reprimido da consciência. Cujas consequências seria a alta da análise. Com notas hegelianas, seria um abarcar do negativo, do movimento dialético de contradições permanente da consciência, e sua suprassunção através, digamos, nesse contexto, da afirmação da repressão. Rigorosamente, a negação é necessária à suprassunção, mas ali não se esgota.

Pode-se afirmar, com a devida cautela terminológica, que os esforços em Freud e Lacan não consistiriam em *suspender*, *suprimir* (palavras usadas, inclusive, em traduções da *Fenomenologia do Espírito* para designar *Aufhebung*) ou *remover* a repressão. Segundo Zupančič, Freud segue a linha dessas noções em sua recepção de Hegel. A afirmação da negação no trabalho analítico encontra eco nos seguintes exemplos trazidos pelo próprio Freud: “Agora você pensará que quero dizer algo ofensivo, mas na verdade não tenho essa intenção”

¹⁰ Foucault há de fazer uma análise paralela a de Lacan, diríamos, com o mesmo diagnóstico da perda de poder do pai como consequência da modernidade, no mencionado trabalho de 1976.

e “Você pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. Não é minha mãe”. Na suma de Hyppolite: “eu vou lhe falar aquilo que não sou; preste atenção, isso é precisamente o que eu sou” (Cf. Hyppolite *apud* Zupančič, 2017). A negação é tecida no discurso como um modo de tomar conhecimento do conteúdo reprimido

Importante notar que a tradução francesa da *Fenomenologia do espírito*, realizada por Hyppolite, em 1941, traz a palavra *négation* para traduzir *Aufhebung*. O que mascara, pelo menos, na superfície, até onde nos foi dado aferir, a dialética de opostos e a elevação deles num conceito *suprassumido* (*Aufheben*), como bem ressalta Meneses (1985). Grosso modo, reservadas as diferenças, e a nosso ver coerente com o pensamento hegeliano, a *Verneinung freudo-lacanianiana* se configura numa *suprassunção*, devido ao fato mesmo de haver uma elevação (alta do paciente), através do abarcar do negativo como inerente e constitutivo de sua condição de sujeito.

Entretanto, os desenvolvimentos da *Aufhebung* não convencem o jovem Foucault, que irá se “voltar à Freud”, dessa vez, de modo não lacanianiano, para argumentar que sua ênfase no inconsciente negligenciaria o problema principal e incontornável da hermenêutica onírica: o das relações entre significação e imagem. Ele completa afirmando que há “o laço global e significativo que funda o sentido do material onírico e o constitui enquanto desejo incestuoso de regressão infantil ou de retorno e de envolvimento narcísico” (Cf. Foucault, 2011, p. 80).

Hyppolite, então, surge na argumentação encontrando eco na voz de Foucault: ele diagnostica na letra freudiana uma confusão entre indício (*indice*) e significação, trazendo para Husserl os louros por tê-los diferenciado. Foucault, então, complementa que, relativo às técnicas hermenêuticas de Freud e o tratamento da fenomenologia de Husserl à questão, a análise do sonho proposta por Binswanger ultrapassa ambas. Em suma: ainda que a perspectiva de Lacan se aproxime declaradamente à sua própria, Foucault (2011, p. 80) encerra a primeira parte de sua *Introdução* afirmando que “a psicanálise jamais conseguiu falar as imagens” Ao passo que, diga-se, “a fenomenologia conseguiu falar as imagens; mas ela não deu a ninguém a possibilidade de empreender sua linguagem” (*Ibid.* 2011, p. 86).

Analisando a maneira pela qual a existência “se temporaliza, se especializa e, finalmente, projeta um mundo”, no texto posterior à *Introdução*, A

psicologia de 1850 a 1950, apesar da evidente preferência pela análise existencial como alternativa à psicologia, Foucault reconhece que a questão fundamental – dos preconceitos endossados pela psicologia e herdados pelos saberes que dela “saíram” – não está encerrada. A alternativa é por uma análise do homem através de suas condições de existência e pelo que lhe há de mais próximo: sua história (Cf. Foucault, 1957. In: D&E, v. I, p. 150-151).¹¹

Em linhas gerais, no mencionado artigo, de 1957, quando Foucault inicia a fala sobre Freud, afirma de seu endosso a velhos preconceitos conhecidos da psicologia evolucionista. Entretanto, ressalva o que seria a distinção de Freud em relação às correntes de psicologia, imediatamente anteriores e contemporâneas: comparando-o a Janet e Jaspers, ele afirma que psicanalista austríaco levou às últimas consequências a análise do sentido, conferindo um estatuto objetivo à significação, buscando “reaprendê-la no nível dos símbolos expressivos, no próprio ‘material’ do comportamento; ele lhe deu como conteúdo uma história real ou [...] o afrontamento de duas histórias reais”: do indivíduo, com a sequência de suas experiências vividas e da sociedade, com suas estruturas a ele impostas; o que possibilitou um “estudo objetivo das significações” (Foucault, 2011, p. 152). Notadamente, uma ampliação da apreciação da letra freudiana que havia trazido na *Introdução*, quando Freud é eclipsado por Binswanger.

Movido laconicamente por Foucault para atacar as posições freudianas, o conceito de *homo natura* pode apontar para algumas nuances desses debates acerca da problemática daseinanalítica. Segundo Foucault, se ao cabo das perquirições husserlianas o que temos é, em nossas palavras, uma *mônada* que sonha, incapaz de romper a barreira da consciência, temos em Freud o chamado *homo natura*. Segundo Soria, conceito que Binswanger traz em seu texto chamado *Recordações de Sigmund Freud*, de 1956, tem origem em Nietzsche. *Homo natura* é uma suma da leitura que Binswanger faz de Freud relativo à sua concepção de ser-humano. Suma que consiste em imputar na posição de Freud a defesa de um forte reducionismo biológico, uma mecanização da “totalidade da experiência humana”. O conceito, ainda segundo Soria, é desenvolvido pelo autor suíço num outro texto chamado *A concepção de homem à luz da*

¹¹ Foucault, M. **A psicologia de 1850 a 1950**, 2011, p. ‘X’.

antropologia, de 1936 – texto esse que foi fruto da palestra proferida por Binswanger na ocasião da comemoração dos 80 anos de Freud (Cf. Soria, 2016).¹²

A partir de Soria, para Nietzsche, ao qual é imputada a origem do conceito, não é problema vincular o homem com a natureza. A continuidade entre homem e natureza é trazida justamente para atacar “os velhos passarinhos metafísicos”, que remeteriam a existência humana a algo de outra hierarquia que a natural. Com isso, o problema não é um condicionamento do homem à natureza, mas a uma corporeidade adereçada por “enfeites estranhos”; corporeidade esta que é juíza do que “o homem é no fundo de seu ser” – como afirmará o psiquiatra suíço em *A concepção de homem à luz da antropologia* (Binswanger *apud* Soria, 2016, p. 127). Dirá Binswanger que se lida na clínica freudiana com o resultado da interação entre as pulsões e as coerções culturais, mas não da existência concreta do homem.

Vê-se em Binswanger, como aponta Soria, uma tentativa de remediar o chamado déficit da psicanálise em problemas como o da autonomia através da filosofia. Essa tentativa conta com os sonhos enquanto reveladores da realização ou da alienação não do desejo, mas da liberdade humana. Dessa forma, traria à baila tanto a história individual como “a própria condição existencial e ontológica do homem” (Noto, 2017. p. 145). Para o suíço, a posição freudiana não é filosófica, psicológica ou antropológica, mas puramente biológica, não dando conta, por exemplo, da “religião, da moral e das artes” (Soria, 2016, p. 126). Uma antropologia filosófica fenomenológica seria a única saída para sanar os déficits da concepção de homem freudiana. Dirá Foucault:

Mas nenhuma forma de psicologia deu mais importância à significação que a psicanálise. Sem dúvida, ela ainda permanece no pensamento de Freud¹³ ligada às suas origens naturalistas e aos preconceitos metafísicos ou morais, que não deixam de marcá-la (2011, p. 141).

¹² O brilhante artigo de Soria desenvolve, inclusive, o debate que se seguiu a essa conferência nas cartas trocadas entre Freud e Binswanger (Cf. Soria, 2016, p. 130).

¹³ A nota de rodapé do texto de nosso filósofo remete ao *Traumdeutung* e a mais uma dezena de outros textos do psicanalista austríaco (Cf. Foucault, 2011, p. 141).

Ademais, vemos Foucault imputar a Freud, “sem dúvida”, quando desenvolve sua teoria dos instintos¹⁴, o eco de um mito biológico acerca do homem (“instinto de vida, de expansão, instinto de morte ou repetição”). O que ecoa também na noção freudiana de doença e suas implicações sociológicas. A doença em Freud – Foucault afirma igualmente de forma igualmente indubitável – é como se fosse uma “regressão a um estado anterior do desenvolvimento afetivo.” O que replicaria, de acordo com o texto, um velho tema de Spencer e dos “fantasmas evolucionistas”. Diz Foucault:

[...] foi no interior do sistema freudiano que se produziu essa reviravolta da psicologia; foi no decorrer da reflexão freudiana que a análise causal transformou-se em gênese das significações, que a evolução cede seu lugar à história, e que o apelo à natureza é substituído pela exigência de analisar o meio cultural (2011, p. 141-142).

Não obstante, notadamente há um contraste no que tange à psicanálise. Apesar de ter sido colocada como insuficiente na *Introdução*, no texto *A psicologia de 1850 a 1950* ela soma forças à intenção fundacionista binswangeriana, não por sua contribuição à hermenêutica onírica, mas em vigília, enquanto ferramenta de crítica social.

Longe de uma análise do social, segundo nos traz a *Introdução*, na primeira investigação, Husserl distingue o indício e a significação por meio de uma apreensão global que tem como fundamentais os fenômenos de expressão: sei o que outra pessoa quer dizer através de sua fala e dos indícios trazidos, por exemplo, por seu tom de voz e expressão facial. Segundo Husserl, tal como reconstruído na *Introdução*, um indício não possui significado em si mesmo. A fala e a modulação da voz são duas atividades que apesar de simultâneas não são idênticas, elas seriam preferivelmente, opostas e, ao mesmo tempo, complementares. Quando as palavras me escapam, dá-se lugar então a indução de indícios para a compreensão do sentido: “o tom da voz, o indício das palavras,

¹⁴ Elden (2020, p. 9) nota, em análise à tradução de Verdeux e de Foucault ao *Sonho e Existência*, que o termo em alemão *Trieb* é traduzido por outro que Freud procura opor, o de *Instinkt*. Ou seja, ambos os termos são traduzidos no francês por *instinct*. Em vez de *pulsão* ou *impulso*, como Souza traduziu para o português, com uma nota explicativa bastante elucidativa (Cf. Freud, 2010, p. 75 (nota)). O detalhe trazido por Elden, porém não associado a essa tradução, é o fato mesmo de Binswanger ter recebido a tradução de seu livro para o francês e não ter se atentado à transgressão teórica, tampouco, nas simplificações que pode causar uma tradução equivocada do termo (Cf. Elden, 2020, p. 7).

os silêncios, inclusive os lapsos me guiarão para fazer-me presumir que meu interlocutor sufoca de cólera”. Completa Foucault:

Por si mesmo o *indício* não tem significação: e ele só pode adquiri-lo de maneira secundária e pela via oblíqua de uma consciência que o utiliza como ponto de referência [...]. Vejo buracos na neve, espécies de estrelas regulares, cristais de sombra. Um caçador os traços frescos de uma lebre. São duas situações vividas, seria vão dizer que uma comporta mais verdade que a outra, mas no segundo esquema manifesta-se a essência da indicação, na primeira, não (2011, p. 82).

Desse modo, a significação dá-se em Husserl quando a consciência associa os indícios e quanto mais material associativo, mais acurada a significação. Não bastaria, portanto, como faz o *Traumdeutung*, estabelecer uma identidade imediata entre sentido e imagem por uma noção não desenvolvida de símbolo. Faz-se necessário um estudo que vise a formação da imagem antes de sua expressão verbal. Diante da contingência dos atos de formulação, imaginação e percepção Husserl apontaria para a necessidade de um *ato único* para a atribuição de significado.

A fenomenologia nos ofereceria, de acordo com Foucault, acesso a presença do sentido em um conteúdo imaginário, sendo a significação apreendida no ato de sua expressão. Todavia, a incompletude da análise husserliana estaria em não conseguir atingir a objetividade: o ato de significação estaria ancorado na consciência, num modo de interioridade.

Em Binswanger, o sonho alcançaria o estatuto existencial como sendo projeção da existência concreta, apontando para o seu movimento de transcendência que desvela a existência como projeção em direção ao mundo. Destarte, uma interpretação dos sonhos em Binswanger seria uma *redução transcendental*, mais ontológica que propriamente fenomenológica. A partir disso, suspende-se as imagens oníricas e investiga-se o movimento mesmo da imaginação com uma mudança significativa: não se trata de um ente ideal, mas do modo do ser da existência concreta, o “ser” do *Dasein*. Imaginação essa que, em sua autêntica expressão, ou “*ars poética*”, destruiria e consumiria essas imagens nos lançando de volta às origens do *mundo* constituído (Evans *apud* Lawlor; Nale (org.), 2014, p. 236).

Nos sonhos os modos de existência se manifestariam de forma significativa, sendo tarefa do hermeneuta onírico decifrar os modos de existência

que neles aparecem – o que restauraria uma hermenêutica voltada ao movimento de transcendência do *Menschsein*, em sua liberdade. A chave de leitura onírica se daria na tensão contraditória entre liberdade realizada ou alienada, expressa no relato discursivo do sonho. O exemplo fornecido por Foucault é o de uma morte violenta:

[Essa contradição] irrompe inclusive como seu sentido último em todos os sonhos assombrados pela angústia da morte. A morte é experimentada como o momento supremo dessa contradição, a qual constitui em destino. Assim, tomam sentido todos esses sonhos de morte [...], nos quais é preciso reconhecer, afinal de contas, o afrontamento de uma liberdade contra um mundo (2011, p. 104).

Em texto produzido na época da redação da *Introdução*, em 1954, segundo Pereira, Binswanger defenderá que, uma vez desvelado ao doente na clínica a estrutura em geral de seu ser-no-mundo, ele encontra a liberdade para todas as suas potencialidades (Binswanger *apud* Pereira, *s/a*, p. 141).

O aspecto da finitude do *Menschsein* e sua presença peculiar no mundo onírico, faz Foucault afirmar que o laço necessário entre imagem e sentido, ou a condição de possibilidade do sentido é a liberdade humana. Para Binswanger, a morte pode aparecer nos sonhos com, pelo menos, uma outra face: a plenitude de uma reconciliação, expressa uma existência que se realiza e não numa existência que se finda num mundo. Completa Foucault (2011, p. 103, 104, 106) que o sonho é “uma explosão da vida para a existência” – esta desperta enquanto a consciência dorme – “descobrimo nessa luz o destino de sua morte”, encerrando que “em todos os casos a morte é o sentido absoluto do sonho.” A repetição dos sonhos de morte, como traz o jovem Foucault, demanda por seu turno, “a contradição na qual a liberdade, no mundo e contra o mundo, se realiza e se nega, como acerta Freud a existência de uma dialética. Esta, não da tensão “rudimentar” entre o orgânico e inorgânico. A morte é ao mesmo tempo como destino” (Foucault, 2011, p. 105). A liberdade, portanto, pelo menos em forma, à supressão do sujeito freudo-lacaniana, dialeticamente em seu abraçar do negativo.

O sentido de *liberdade* enquanto idêntica à *transcendência* do *Dasein* heideggeriano pode nos servir de chave para a compreensão do termo em Binswanger. Noutras palavras – e aqui seguiremos parcialmente a interpretação

de Han-Pile – o suíço busca compreender *como* a liberdade mesma do homem é expressa e acessada de modo privilegiado no sonho. Haveria, nesse sentido, alguns pontos de identidade entre o *Dasein* heideggeriano e o *Menschsein* do psiquiatra suíço, dentre eles o caráter *projetivo* do ente analisado, que evidencia o movimento de transcendência à liberdade. Segundo Han-Pile (2016), transcendência e liberdade são colocadas como idênticas num escrito de Heidegger chamado *Os fundamentos metafísicos da lógica* – assim como já estaria vagamente trazida essa associação em *Ser e tempo*. A transcendência como liberdade apontaria para uma *projeção*, em sentido heideggeriano. Esse movimento dá-se de modo consciente através de algumas mediações no cotidiano do *Dasein* como leis naturais, a política, normas culturais e sociais etc. O *Dasein* apenas se projeta no mundo através desses mediadores, entretanto, no sonho, ele está livre – as mediações entram em suspensão.

Para Foucault, a partir do caso Dora, Freud teria suspeitado de que haveria no sonho mais do que a reencenação de experiências passadas, estas simbolizadas no presente. Contudo, ele não conseguiria superar esse problema porque não consideraria o movimento transcendente do sujeito em sua liberdade no mundo.

Numa leitura binswangeriana do sonho, Foucault dirá que o momento em que Dora apropria-se de sua solidão, num mundo de virilidade masculina que a ameaçava violentamente a todo o momento, é o fim de sua psicanálise – Dora assume sua solidão, o que possibilitou sua cura. Um outro aspecto da leitura de Foucault do caso é que Freud não teria notado o fato de que ele próprio, por ser homem, teria a mesma significação e ojeriza destinada ao “Sr. K”.

Além disso, o caso Dora evidenciaria a posição do sujeito que sonha, no método freudiano. Diz Foucault que “a falha real da análise freudiana é ter visto ali uma das significações possíveis do sonho e ter querido analisá-la dentre outras como uma de suas múltiplas virtualidades semânticas”. O que suporia, ainda segundo o pensador francês, a objetificação radical do “sujeito sonhando que viria a desempenhar seu papel entre outros personagens, e em um cenário [onírico] no qual ele teria uma figura simbólica” correspondente. Ainda segundo Foucault:

O sujeito do sonho, no sentido de Freud, é sempre uma mínima subjetividade, delegada, por assim dizer, projetada e permanecida intermediária entre o jogo do outro, suspensa em algum lugar entre o sonhador e aquilo com que ele sonha. A prova é que, para Freud, esse jogo pode efetivamente, através de uma identificação alienante, representar o outro, ou que um outro personagem pode, por uma espécie de “heautosopia”, representar o próprio sonhador (2011, p. 108).

Em contrapartida, o sujeito do sonho para Binswanger não é uma das significações contingentes possíveis, mas “fundamento de todas as significações eventuais do sonho”, manifestando-se “como o devir e a totalidade da própria existência”. Ele é o sonho todo, em todos os seus elementos: “no sonho tudo diz ‘eu’, inclusive os objetos e os animais, o espaço vazio, mesmo as coisas mais longínquas e estranhas que povoam sua fantasmagoria” (*Ibid.*, p. 109, 111). O que não estaria distante de uma situação analítica freudiana, diríamos, pois as ilações e sentidos com os quais o sujeito freudiano se tece no mundo, também o formam.

3 AS DEMARCAÇÕES DAS DOENÇA MENTAIS EM FREUD E BINSWANGER

Fugindo dos métodos empírico-naturalista de uma certa psicologia de causalidade mecanicista, nivelada pelas ciências da natureza como critério de acuracidade, e de uma explicação da patologia deduzida a partir de fatores históricos externos, podemos afirmar, diante do exposto que na *problemática da Daseinanalyse* Binswanger move traços convergentes da fenomenologia heideggeriana, neste quando, para modificá-la, a procura de sua estrutura transcendental.

Tomando como pressuposto a rejeição de qualquer *a priori* acerca do normal e do patológico (Savoia *apud* Lawlor, Leonard, 2014, p. 567), o processo patológico para Binswanger está, pelo que podemos aferir, diretamente relacionado com a relação entre o doente e seu mundo. Segundo Foucault, fenomenologicamente o cerne da doença nessa perspectiva estaria na “unidade contraditória de um mundo privado e de um abandono à inautenticidade do mundo”. O que contrasta com Freud. Para ele, a neurose, por exemplo, está ligada à trajetória libidinal, sendo “cada tipo de neurose é um retorno a um estágio de evolução libidinal”. “A história da libido, de seu desenvolvimento, de

suas fixações”, sobre o que boa parte da obra de Freud tenta dar conta, segundo Foucault (Cf.1975, p. 48), é “como a compilação das virtualidades patológicas do indivíduo”.

Freud e Binswanger enxergavam a doença mental de forma diversa. Trata-se, como se sabe, das posições dos dois num debate acerca das causas mesmas da doença mental, com duas correntes majoritárias que podem ser *grosso modo* assim sumarizadas: a que defende uma causa orgânica, e, a outra, que defendia uma natureza causal, não-orgânica. Somando-se a isso, Foucault, com seu *Doença mental e personalidade* (integralmente também na versão de 1962) nos traz uma discussão com diversos nomes dos dois lados desse debate. Freud há de romper com as correntes médicas a ele contemporâneas, Charcot incluso, imputando à doença consequências psíquicas fruto de vivências traumáticas – notadamente a histeria. Binswanger está ao lado de Freud em nosso primeiro grupo, apesar das divergências bem demarcadas.

Da parte do suíço, no *Doença mental e psicologia*, será discutido por Foucault em sua obra o papel da temporalidade e da inautenticidade na constituição da doença mental. Lá o pensador francês afirma que, para Binswanger, “cada distúrbio comporta [...] uma alteração específica do tempo vivido”. Fenomenologicamente, no caso da esquizofrenia, haveria no paciente uma alternância entre estados de experiência fragmentada de tempo e a suspensão da temporalidade numa certa ideia de eternidade (Savoia *apud* Lawlor; Nale (org.), 2014, p. 568). Diz Foucault que

o tempo do esquizofrênico é, ele também, irregular, mas é rompido pela iminência do Repentino e do Terrificante, a qual o doente só escapa através do mito de uma eternidade vazia; a temporalidade do esquizofrênico se divide, assim, entre o tempo fragmentado da angústia e a eternidade, sem forma sem conteúdo, do delírio (1975, p. 43).

No *Doença mental e personalidade*, a angústia seria irreduzível a uma análise de tipo naturalista, mas tampouco se esgota em uma “análise de tipo histórico” (Foucault *apud* Yasoshima; Messas, 2018, p. 198).

No *Doença mental e psicologia* Foucault é mais específico quanto à análise existencial no tratamento dos transtornos mentais, como a chamada perturbação temporal da existência maníaca, na qual, a abertura constitutiva do *Menschsein* encontra-se obnubilada. Dirá Foucault (1975, p. 43): “o tempo aí

torna-se, por fragmentação, momentâneo; e, sem abertura sobre o passado e o futuro, ele turbilhona sobre si próprio, procedendo ora por saltos, ora por repetições”. Chamando *fuga das ideias* tanto as repetições temáticas quanto as associações temáticas errôneas, “descontínuas e ilógicas”, de quem tem a temporalidade perturbada, à luz do suíço.

A despeito da poética diagnósticos, para dizer o mínimo, *sui generis*, como o caso Ellen West e outro caso trazido por Heidegger (Cf. Loparic, 2002), enquanto Binswanger, em seu diálogo ininterrupto com Freud, diga-se, – correspondendo-se com ele, segundo Elden, entre 1908 e 1938 (Freud morre em 1939) – criticava o naturalismo de suas concepções, Freud contra-atacava criticando as “necessidades religiosas e metafísicas” no trabalho do suíço (Cf. Roudinesco, 1989, p. 432). O que seria, de certa forma, aferido por Foucault, sem imputar ônus algum a Binswanger. Na *Introdução*, o jovem Foucault afirma que Binswanger trata de uma antropologia que é, diríamos, um caminho construído com elementos da filosofia, literatura e da mística (o que entreveria uma significação antropológica dos sonhos). A despeito disso, teria a fenomenologia em Binswanger, endossando-o Foucault, o estatuto de “ciência dos fatos”, e não apenas como um método de tratamento.

O resultado dessa ciência seria uma antropologia de base fenomenológica, que analisa o conteúdo estrutural efetivo do *Menschsein*, a variação binswangeriana do *Dasein* heideggeriano – uma existência “que se vive, que se experimenta”. Conteúdo estrutural, defende Foucault, que tem um nome e atravessou uma história. Entretanto, o próprio Heidegger, com quem Binswanger se correspondeu de 1929 até 1966 (ano da morte de Binswanger), aponta erros significativos nos desenvolvimentos de seu discípulo *sui generis* – da confusão de indicativos ônticos com ontológicos, visão transcendente do homem, endosso tácito de uma metafísica a erros terminológicos, passando imprescindivelmente por erros nos diagnósticos.¹⁵

¹⁵ Para mais detalhes sobre a Daseinanálise de Binswanger e sua relação com Heidegger (Cf. Loparic, 2002).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os interesses de Foucault no período das produções ora analisadas iam *grosso modo* de Idealismo alemão a psicopatologias e psicanálise – o que se nota na leitura, mesmo ao leitor mais desatento. Ele era um exímio conhecedor de alemão, tendo traduzido, além de Binswanger, uma dezena de outros textos. Acreditamos que sua tradução problemática do conceito de pulsão (*Trieb*) por *instinto* tenha reforçado o peso de sua pena nas críticas ao que Binswanger chamou *homo natura*, como a concepção do sujeito em Freud. O último, como nunca se viu antes em um texto publicado de Foucault, citado e referenciado na *totalidade* de seus escritos, no original.

Apesar do volume massivo de referências a Freud e de frequentar os seminários de Lacan, convivendo com ele no hospital Sant-Anne, Foucault, em nosso escopo, tem uma visão da psicanálise marcada pela leitura de Binswanger. Poucas são as páginas de discussão propriamente dita dos textos do psicanalista austríaco. Por outro lado, a ausência notável de Lacan nos trabalhos aqui analisados e em posteriores, de outros momentos de sua obra, é emblemática. Seus seminários posteriores a publicação dos textos aqui apreciados poderiam ter lançado um melhor panorama na questão do sentido dos sonhos em psicanálise, e mesmo na constituição do sujeito, com a dimensão da linguagem mais evidenciada. Ainda que se leiam declaradamente, em geral, Lacan cita bastante Foucault, sendo um dos responsáveis, entre outros feitos e debates, por divulgar *A história da loucura* (tese de doutorado, de 1961) e alavancar as vendas de *O nascimento da clínica*, de 1963, naquele quando, como se sabe, bastante estigmatizados pela homossexualidade de Foucault. O mesmo não ocorre na produção do filósofo francês que, ao contrário, quase não o cita diretamente. Ademais, mesmo após os desenvolvimentos Lacan, não há algo como uma reapreciação da questão, até onde nos foi dado saber.

Em geral, a psicanálise nos textos apresentados não surge como o produto de disciplinas, dispositivos, ao cabo da colocação do sexo em discurso, como em dezenas de outros textos. Ela aparece como um momento numa espécie de teleologia que encontra a forma mais bem acabada nos escritos de Binswanger. Contudo, a sedução fenomenológica, como se sabe, apesar da densidade, tem um recorte muito breve na totalidade da obra de Foucault.

Pelo pouco que conhecemos da obra de Foucault da década de 1970, declaradamente, tem um cunho político, avesso a qualquer heteronomia. Premissa que nos faz surpresos diante do conceito de *liberdade*, em Binswanger. Foucault o menciona, mas não o trata, passando-lhe inteiramente despercebido, em nossa leitura. Os movimentos de *ascensão* e de *queda*, essenciais para sua antropologia, constituem a estrutura ontológica da existência humana. Segundo Loparic, em análise a *O sonho e a existência*, retomando de certo modo o argumento freudiano de que Binswanger endossaria uma metafísica, a estrutura ontológica do ser humano

trata-se de uma única onda vital de forma senoidal, com fases ascendentes ou vitoriosas e descendentes ou malogradas, que acontece sem qualquer participação voluntária do indivíduo no qual se manifesta. Binswanger recorre à filosofia e à mitologia grega para sugerir que a pulsação da vida resulta de uma força originária de ordem cósmica, pré-pessoal e pré-individual, o que dá à existência humana um sentido também suprapessoal e supra-individual (Loparic, 2002, p. 384).

Vê-se que liberdade em Binswanger estaria condicionada a um ordenamento cósmico, sem voluntarismo do agente. Surpreendentemente, Foucault não trata desse explícito contrassenso entre uma liberdade radical e formas existenciais heterônomas que pouco ou nada se distanciam de uma explicação plantonista ou teológica do homem. Binswanger trocaria os ditos imperativos biológicos ou inconscientes do sujeito freudiano pela necessidade da heteronomia de uma força originária. Finalmente, diríamos que a própria psicanálise, na linha de Gros (2009), endossaria seu modo metafísico com estruturas universais de notas heterônomas, como a castração, repressão nó-borromeano, nossa agência como secundária no tocante à linguagem etc. O que desenvolveremos em outros momentos.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel; HOFFMANN, Christian. **Lacan e Foucault: conjunções, disjunções e impasses**. São Paulo: Instituto Lagange/Université Paris-Diderot, 2017.

DREYFUS, Hubert L.; WRATHALL, Mark A (org.). **Companion to phenomenology and existentialism**. Wiley-Blackwell: Londres, 2006.

- ELDEN, Stuart. Foucault as a translator of Binswanger and Weizsäcker. **Theory, culture and society**. v. 1, n. 26, 2020.
- FALZON, Christopher; O'LEARY, Timothy; SAWICKI, Jana (org.). **A companion to Foucault**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2013.
- FOUCAULT, M. **A psicologia de 1850 a 1950**. 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Tradução: Lilian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- FOUCAULT, Michel. Problematizações do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. *In: Ditos & Escritos I*. Tradução: Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- FORRESTER, John. **The seductions of psychoanalysis: Freud, Lacan and Derrida**. Cambridge: Cambridge University press, 1990.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PMPOCKET, 2017.
- FREUD, Sigmund. **Freud (1914-1916) - Obras completas**: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. v 12. Tradução: Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- HAN-PILE, Béatrice. Phenomenology and anthropology. *In: Foucault's "introduction to Binswanger's *Dream and existence*": a mirror image of the Order of things?* **History and Theory**, n. 54, p. 7-22, dec. 2016.
- LAWLOR, Leonard; NALE John (org.). **The Cambridge Foucault Lexicon**. Cambridge University Press: Cambridge, 2014.
- LOPARIC, Zeljko. Binswanger, leitor de Heidegger: um equívoco produtivo? **Natureza Humana**. v. 4, n. 2, p. 383-413., jul./dez. 2002.
- MENESES, Paulo Gaspar. **Para ler a fenomenologia do espírito**. Rio de Janeiro: Loyola, 1985.
- NOTO, Carolina de Souza. *O deficit ontológico da psicanálise: Foucault leitor de Hyppolite*. **Revista Dois Pontos**: Curitiba, São Carlos, v. 14, n. 1, p. 145-157, abr. 2017.
- NOTO, Carolina de Souza. *A psicanálise para Foucault: Ontologia ou hermenêutica?* **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 39, n. 1, p. 57-76, jan./mar., 2016;
- PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Sobre os fundamentos da psicoterapia de base analítico-existencial, segundo Ludwig Binswanger. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**. v. IV, n. 1, p. 137-142. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v4n1/1415-4714-rlpf-4-1-0137.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2018.

NALLI, Marcos. Possibilidades e limites da cura nos textos protoarqueológico de Michel Foucault. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 34, n. 2, p. 135-172.

PEREZ, D. O. **A cura através da psicanálise**. 2018.(8m01s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WIVD6KaHTV4&t=95s> . Acesso em: 20 maio 2018.

ROUDINESCO, Elisabeth. **História da psicanálise na França: A batalha dos cem anos**, v. I, 1885-1939. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

SORIA, Ana Carolina Soliva. Freud, Binswanger e a concepção de *homo natura*. **Revista Dois Pontos**: Curitiba, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 125-141, dez. 2016.

TONUS, Antonia; MESAS, Guilherme. Ludwig Binswanger: the construction of an epistemological foundation for psychiatry. **Circumscribere**. n. 22, p. 36-49, 2018.

YASOSHIMA, Fabio; MESSAS, Guilherme. Foucault e Binswanger: uma aproximação intempestiva? **Phenomenological Studies** - Revista da Abordagem Gestáltica – XXIV (2), p. 196-203, maio/ago., 2018.

Zupančič, Alenka. **Hegel e Freud: entre Aufhebung e Verneinung**. Disponível em: <https://lavrapalavra.com/2017/09/06/hegel-e-freud-entre-aufhebung-e-verneinung/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

DADOS DO AUTOR

Jader Cavalcanti de Albuquerque Neto

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (2018), possui graduação em Filosofia (Bacharelado, 2016) pela mesma instituição. Participa do Grupo de estudos Filosofia e Psicanálise (direção de Ernani P. Chaves) (2023) e do Grupo de psicanálise do Espaço Letra Freudiana (direção de Pedro Gabriel Bezerra da Fonseca) (2022). Fez parte do Traço Freudiano (2023). Foi revisor da Revista Perspectiva Filosófica - Periódico do PPG em Filosofia da UFPE e da Revista Ágora Filosófica (periódico da UNICAP). Pesquisador do Núcleo de Estudos em Filosofia Política e Ética (NEFIPE / UFPE); investigou pelo PIBIC (2013-2014) o papel das instituições burguesas e da Pastoral Cristã nos processos de subjetivação. Atualmente, pesquisa o estatuto da psicanálise na obra de Foucault, a partir das noções de carne, desejo e libido, nos textos da década de 1980. Possui interesses em ética, filosofia política e contemporânea e psicanálise. Email: neto.jca@gmail.com